

O ESPECTRO

Admonet in somnis et turbida terret imago.
Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

Lisboa, 23 de março

O *Constitutionnel* de Paris traz um artigo sobre as cousas de Portugal que julgamos util transcrever. E' glorioso para nós o sermos assim avaliados. *O direito, a justiça, a honestidade estão do lado da insurreição. Todo o homem imparcial, toda a alma elevada deve ser d'esta opinião.*

Eis-ahi como a emboscada de 6 de outubro foi conceituada. Todos os males de Portugal são attribuidos a esses *calças de couro* que se acham, por vergonha nossa, á frente dos nossos destinos — a esse obtuso Dietz, espia da Santa Alliança, instrumento do mais feroz despotismo.

A folha franceza calculou bem. A crise financeira ahi está, a fome bate a todas as portas, a morte adeja por cima de todas as cabeças.

Não commentamos: ahi vai o artigo a que nos referimos:

«Paris 25 de fevereiro — Os acontecimentos de Portugal tornam-se cada dia mais graves. A attenção publica, cansada pela repetição d'estas crises continuadas, esquece mui facilmente que se tracta d'um throno e d'um paiz. Nunca os negocios da Peninsula influiram mais directamente sobre os interesses da França, e cumpre conhecer e definir bem a situação.

«Sem duvida as questões da Peninsula são as mais das vezes questões de pessoas; as guerras civis são guerras feitas unicamente ao thesouro e aos empregos publicos. Mas devemos distinguir os efeitos das suas causas. A felicidade do povo, sua segurança, sua liberdade são jogadas por mãos muitas vezes indignas que não são as d'elle. Depois de muitas commoções que não tinham agitado senão a superficie dos partidos, formou-se ha uns poucos de annos uma administração nova, que encerrava no seu seio, como todas as cousas d'este mundo, uma certa porção de bem, e uma muito maior por-

ção de mal. Cego pelo restabelecimento da tranquillidade, a camarilha, este elemento funesto da politica peninsular, multiplicou as suas pretenções, e quiz invadir tudo; o rei não via senão pelos olhos d'um conselheiro alemão, e este era dirigido por influencias estranhas. Um ambicioso, outr'ora um dos chefes dos exaltados, feito ministro, encheu-se de orgulho com o poder; poz-se á frente d'uma caballa da funcionarios; reunidos á camarilha estenderam sobre todo o paiz as cadêas d'um favoritismo exclusivo, e da separação systematica de todos os homens dotados de alguma independencia e de alguma dignidade pessoal. A constituição ficou sendo uma palavra vã, e Portugal foi explorado por uma facção cujo chefe immediato era Costa Cabral, e conselheiro intimo o Dietz. Um despotismo cúpido, exclusivo, violento, arbitrario, e muitas vezes anarchico nas fórmas, sublevou em fim a nação; e no principio do anno passado, o povo inteiro estava em armas.

«A côrte n'estas angustias reccoreu ao salvador ordinario de Portugal: o duque de Palmella foi nomeado primeiro ministro, e associou-se a homens que reuniam á qualidade de amigos da liberdade e das instituições a de amigos da ordem e do throno da rainha. A posição d'este gabinete era difficil e perigosa. Atraz d'elle estava côrte hostil, e na frente o povo em armas; mas a côrte acabava elle de a salvar; e o povo podia juntamente ter confiança n'elle. Depois de muitos mezes de esforços, de triunfos pacificos obtidos pela moderação dos ministros, e confiança que inspiravam, a nação quasi toda inteira desarmou. Este acontecimento, verdadeiramente honroso e glorioso, foi a causa da perda do gabinete. A côrte livre de seus inimigos, procurou logo desfazer-se dos seus defensores; não queria dedicação senão de uma só natureza. N'uma noute a guarnição de Lisboa foi posta em armas, as tropas correram a cidade, gritos de victoria partiram das varandas do palacio, e o povo soube com

espanto que a rainha tinha demittido o ministerio. Os moderados tinham dominado pela persuasão as tendencias anarchicas. Quizeram desfazer-se d'elles, dos moderados, pela força, e no dia seguinte todas as garantias constitucionaes foram violadas, as eleições supprimidas; em fim o absolutismo temporario ou definitivo proclamado. O povo correu de novo ás armas: a bandeira da insurreição levantou-se em todos os angulos de Portugal. O Porto formou uma junta cuja auctoridade o paiz inteiro reconheceu. Lisboa opprimida pelas tropas, obedece á côrte. Não fallamos dos homens, do papel indigno representado n'estas circumstancias por um antigo apostolo dos exaltados, nem dos erros d'algumas pessoas de bem. Mas considerai n'estas circumstancias o comportamento do povo e o do governo: o povo tinha largado as armas desde que o governo havia mostrado sentimentos mais justos e mais moderados por uma mudança de ministerio. A concordia podia restabelecer-se; e a côrte aproveitou-se d'esta confiança e d'este desarmamento para restaurar o absolutismo! Assim pela primeira vez desde a elevação de D. Maria ao throno, esta guerra civil apresenta caracteres de animosidade e de vingança. Causa estranha! são os oppressores que se mostram mais vingativos, mais odientos. A consciencia do mal corrumpelhe o sentimento, e nós temos de referir actos de raiua e vingança desconhecidos em Portugal desde a queda de D. Miguel.

«Por toda a parte aonde não havia tropas nem d'um, nem de outro partido, o povo pronunciava-se a favor da insurreição. O exercito insurgido era muito mais forte que o exercito real, quando um dos chefes do primeiro, esperando sem duvida ganhar por si só a victoria, ou não sendo culpado senão d'um falso movimento militar, combatteu o exercito real inteiro com uma parte só do exercito liberal. Foi vencido e ficou prisioneiro com as suas tropas depois d'uma capitulação. Para mostrar a natureza dos meios empregados pelo partido de Lisboa bastará dizer que todos os mancebos de familias de consideração, foram obrigados a alistar-se no exercito real, sob pena de prisão; que as notas do banco teem um curso forçado, e que se estabeleceu um maximum nos objectos do consummo. Mas isto não passava de arbitrario e violento; começou logo a crueldade. Os prisioneiros de guerra foram tratados como criminosos d'estado, e foram metidos juntos n'um pequeno brigue, e mandados para a costa d'Africa. Não sabemos se o trafico dos brancos é mais permittido que o dos negros, e se é mais immortal exportar prisioneiros negros para as Antilhas do que exportar prisioneiros brancos para as doentias costas de Africa. Não sabemos se é mais cruel arrancar aos inimigos a vida d'um só golpe, do que fazelos morrer lentamente da febre d'Angola.

Mas o que é certo é que estes prisioneiros foram condemnados sem fórma de juizo a este tormento e a esta morte, ou para melhor dizer foram executados sem ser condemnados. E quem são estes homens? Aquelles ou os filhos daquelles que collocaram D. Maria sobre o throno?

«O exercito insurgido depois de ter perdido alguma parte da sua gente retirou-se para o Porto. O exercito real seguiu-o de longe, e os dois partidos acham-se alli na posição inversa da que occupavam ha dois mezes junto de Lisboa. As forças militares são quasi iguaes de parte a parte, e a maioria do paiz reconhece ainda o poder da junta. A lucta póde pois ser longa: será incarnizada d'ambas as partes. Nenhum partido está em estado de vencer o seu adversario, e a falta absoluta de dinheiro decidirá só, não a victoria mas a derrota.

«Já o dissemos, o direito, a justiça, a honestidade, estão ao lado da insurreição, para melhor dizer, do lado dos defensores dos interesses nacionaes contra um bando de funcionarios ávidos de empregos e de dinheiro. Todo o homem imparcial, e toda a alma elevada, independentemente de principios politicos, deve ser d'esta opinião.

«A insurreição em Portugal não é politica, é popular, cousa mui differente n'aquelle paiz, e então natural é que todos os aggravos populares façam ouvir ao mesmo tempo a sua voz. Tem-se dito que a junta do Porto chamaria ou acolheria D. Miguel; não o acreditamos; os nomes dos homens que a compõe, os do visconde de Sá e do conde das Antas, são nossos abonadores. Mas D. Miguel está em Londres; e a noticia da sua chegada proxima ao Porto toma consistencia; o throno de D. Maria, até agora tão solido no meio do tumulto de todas as facções, parece hoje ameaçado por explosões republicanas ou miguelistas; e este facto só não basta para demonstrar quão insensatas como culpaveis são todas estas tentativas de contrarevolução feitas pelas monarchias constitucionaes, estas quebras de fé das côrtes que dividem em dois o partido dos seus defensores, e as expõe a ellas mesmas aos golpes de antigos adversarios? Ou a rainha triunfe ou succumba na lucta actual, os seus conselheiros imprudentes tornaram possivel uma lucta futura com D. Miguel, que se torna um pretendente serio. Não foi a junta do Porto que produziu este resultado, não foram os homens de idéas liberaes que trouxeram esta triste possibilidade, foi o actual governo de Lisboa, foram os violadores das leis, os fautores da guerra civil e da anarchia, foram os que achavam o partido muito grande para a divisão dos empregos, foi a intolerancia d'uma cubica e de um debil e violento despotismo.

«Uma ultima e definitiva catastrophe financeira será a consequencia inevitavel dos acon-

tecimentos actuaes. Será impossível pagar ao exercito victorioso; ao descontentamento dos vencidos virá ajuntar-se o descontentamento dos vencedores. Este infeliz paiz entra n'um periodo de crises mais pungentes, mais crueis, mais irremediaveis que as precedentes. As pessoas honestas de todas as nações e de qualquer opinião não terão forças para exprimir a sua indignação contra esta quebra de fé, ligeireza, violencia e imprevidencia, contra este esquecimento de todos os serviços prestados, de todos os principios protectores. Quem o pagará? Portugal certamente, os cidadãos mais respeitaveis primeiro, e mais cedo ou mais tarde os máus conselheiros da rainha.»

O *Diario* traz cotado o agio das notas em 19 do corrente a 1\$800 réis. O certo é que estiveram a 4 pintos e dois mil réis sem haver quem as queira.

Mas dado que assim fosse ahi temos o termometro da prosperidade publica. Ahi temos o resultado das medidas financeiras do governo, e a ordem que o Tojal veio dar ás nossas cousas.

Na alfandega tem entrado grande quantidade de notas no pagamento dos direitos para fugir ao pagamento da metade em metal depois do fim d'este mez. Esta circumstancia devia fazer descer o agio das notas até 31 do corrente, e com tudo o agio sobe! E' porque o descredito do governo é maior que todos os esforços para o deminuir — é porque o governo apenas acaba de receber por uma porta a importancia dos direitos, faz sair pela outra as notas em que elles são pagos lançando-as no mercado para apurar metal.

Acresse a tudo isto o saber-se que muitas firmas do banco e do governo trocam as suas notas em metal sem desconto, causando assim um mal gravissimo, e commettendo uma grande immoralidade, porque tem na sua mão o metal do publico em quanto este fica com as suas notas; e se hão de resgatar estas pelo metal, deixam morrer á mingua milhares de familias indo elles engordando com o suor alheio!

D'este roubo publico é que nasce esta crise.

O ministerio e os agiotas reúnem-se, e depois escrevem no seu *Diario* — «o agio hade diminuir porque estiveram meia duzia de homens na secretaria da fazenda!» Que tem que alli se reúnem meia duzia ou uma de delapidadores? Alli não se trata senão de ver como se hade enganar esta pobre nação.

Os nossos fundos em Londres desceram com a abolição das duas decimas! O governo assim sobcarregou a nação com perto de 400 contos, e a condição dos possuidores dos fundos não melhorou. Isto é a causa do augmento do descredito.

O governo tirou aos empregados uma das

duas decimas, assim como as incripções; e as incripções não subiram, e o desconto das cédulas dos empregados não diminuiu. Só a divida publica augmentou n'uns poucos de centenas de contos de réis!

A junta do Porto pelo contrario reduz o ordenado dos seus funcionarios a 12\$000 réis mensaes, e os fundos do Porto conservam o seu valor. E por que a administração popular não é de rapina, é por que a nossa causa é a unica que tem futuro.

Em quanto essa cáfila de agiotas, que *vendem decretos e recebem luvas*, gerir os negociis publicos, esteja certo o povo da capital que não se vê livre da miseria, por que com a podridão dos nossos cadaveres é que esses abutres engordam.

As noticias do quartel general do Saldanha dão o exercito cabralista no maior desalento. A fome, apesar dos continuados roubos commettidos por aquella quadrilha, é canina; não havendo palhas para os cavallos sustentam-nos a tojo pisado; o desalento é extremo, e as esperanças do triunfo desvaneceram-se totalmente.

O Saldanha que mandára despejar os estrangeiros do Porto, porque a 20 de fevereiro começaria as operações, deixou passar mais d'um mez sem avançar um palmo de terreno, e nas suas cartas para Lisboa insta pela intervenção como unico meio de acabar a lucta. Diz que é necessario que a Castella mande pelo menos seis mil homens, e que o ministerio lhe mande 400 contos de réis.

Em quanto alli reina a desanimação, no campo opposto ha o mais vivo entusiasmo, e a confiança precursora infallivel da victoria.

As hordas dos bandidos e assassinos fugiram do Minho diante das armas da junta do Porto; Tras-os-Montes a estas horas deve estar limpo de toda a cabralada; nas duas Beiras o levantamento foi geral e simultaneo apenas conston que as tropas debaixo do commando do general Povoas se moviam; Evora, Portalegre, Beja e Algarve nunca reconheceram o imperio do absolutismo, e por este modo a totalidade do paiz obedece ao movimento popular, tendo o governo por si o pouco espaço de terreno em que se acham encurraladas as suas tropas.

Segundo as noticias que dá o *Diario* o ex-conde de Vinhaes com o seu estado maior achava-se a 16 do corrente no acampamento do Saldanha. Isto importa dizer que aquelle ex-general fugira da sua divisão para escapar aos golpes dos nossos bravos soldados. Diz-se que o Saldanha vendo proxima a sua derrota quer confiar o commando a outrem para pesar sobre esse o desdouro de uma desfeita que já não pôde deixar de ser infallivel.

Alcacer do Sal pronunciou-se. Eis aqui a historia singular d'este pronunciamento:

Chegou á administração do concelho um officio do governo civil; o povo reuniu-se e quiz saber o seu contheudo; o administrador recusou-se a dizel-o porque o officio era confidencial. «Por isso mesmo (dizia o povo) é que nós que-remos saber o que elle contém; e se o sr. administrador não no lo disser marchará diante «de nós para Évora.» O pobre magistrado leu o officio ao publico, e foi depois entregar a administração ao presidente da camara, porque não queria ser juiz com tres mordomos.

Os escrivães do juiz de direito puzeram-se logo em marcha para Lisboa, o juiz queria segui-los, mas o povo disse-lhe que aquillo não tinha nada com elle. Como porem o sr. Demetrio se fizesse cabralista, safou-se atraz da sua pequena côrte.

E sabem o que continha o officio? Perguntava aonde estavam as forças do Algarve, porque o governo não sabia nada d'ellas em razão de ter cortadas as communicações pelas forças do conde de Mello!!! Com tudo n'esse mesmo dia escrevia o *Diario* que essas forças não passaram de Mertola! Pobre Almocreve das petas, o governo é quem denuncia as tuas mentiras.

Como o governo tem roubado os dinheiros dos orfãos, os dos depositos, e os das confrarias, assim como as pratas das egrejas o povo pensou que era algum acto de rapina igual a estes, e quiz prevenir-se.

Hontem correu a noticia de que as forças populares no Alemtejo tinham aprisionado aos cabralistas 70 cavallos e cento e oitenta e tantos infantes, entre Veiros e Fronteira, no dia 16 do corrente. Não garantimos a veracidade da noticia, damo-la só como corrente.

O *Diario* consolou hoje a gente, e se tomarmos os seus conselhos, todos nos podemos considerar felizes.

Diz elle que se acredita geralmente que a quantidade de dinheiro é uma fortuna, e que não ha asneira maior do que esta, porque é um prejuizo terrivel, que causa graves embaraços, e que tem muitas vezes arruinado nações inteiras.

Para o *Diario* o que val tudo é o credito.
Ora o *Espectro* vai alistar-se no rol dos to-

los, e pela primeira vez vai pedir um favor ao governo.

Se o dinheiro o póde arruinar não no-lo roube, e deixe-nos ser infelizes com esse muito ou pouco que temos. E' uma desgraça que lhe pedimos; mas como a felicidade depende muitas vezes da imaginação, deixe-nos ser felizes segundo a nossa tbeoria, e fique-o elle sendo conforme a sua. Nunca houve combinação mais realisavel do que esta. Adopte elle para si o timbre da pobreza franciscana, e deixe-nos a nós o martyrio de darmos a applicação que nos aprouver aos haveres que temos.

O dinheiro arruina quem o tem, e o governo decreta que os seus empregados recebam mais do que recebiam?

O dinheiro é um prejuizo, e o governo escreveu ha pouco que ia importar metaes?

Quando é que obra seriamente, e segundo os seus principios?

Mas o credito val muito. Sem duvida. Pois então esse governo acreditado sirva-se d'elle, e se não tem dinheiro, nem credito, deve sahir: viva elle do credito, acceite as suas notas, e dê-nos o metal.

Depois de tanta lamuria a conclusão é que nem tem dinheiro nem credito.

Isto é mais ridiculo do que stulto, e só mereceria uma gargalhada se, com estas doutrinas, esse bando de empalmadores não tivesse provocado a crise com que luctamos.

O diabo paga bem sempre a quem o serve. Uns officiaes de marinha, cabralistas chapados, representaram contra os prisioneiros do brigue *Audaz* que foram mandados executar sem processo e sem sentença em Angola, dizendo que receiavam muito uma revolta no mar. O ministerio premiou os serviços d'estes sendeiros mandando prender uns e ficar outros no cruseiro d'Angola em consequencia da sua esperteza. A tripulação do brigue *Audaz* tambem lá ficará a fazer serviço.

Estes senhores tiveram todo o castigo dos revolucionarios sem terem uma só das suas vantagens. Tinham medo que os infelizes recobrassem a sua liberdade, e depois disto foram quinhoar da sua sorte.

Bem haja o sr. Manoel de Portugal por este serviço. Este acto torna-o um dos namorados da Maria da Fonte.